

ITP - Instituto Trianon de Psicanálise
Centro Lacaniano de Psicanálise – CLaP
Seminário de Formação Permanente

EFEITOS TERAPÊUTICOS EM PSICANÁLISE

Antonia Claudete A. L. Prado
19-02-2008.

A experiência nos ensinou que a terapia psicanalítica – a libertação de alguém de seus sintomas, inibições e anormalidades de caráter neurótico – é um assunto que consome tempo. Daí, desde o começo, tentativas terem sido feitas para encurtar a duração das análises (FREUD, 1937)¹.

E até hoje a psicanálise não vinha se ocupando de avaliar os resultados do seu trabalho, mas as críticas que vem recebendo tiveram o mérito de acordá-la para isso. A propósito, diz Guéguen:

Uma das felizes conseqüências dos violentos ataques que tem recebido a doutrina analítica nesses últimos anos na Europa, e na França em particular, é a de ter-nos obrigado a prestar atenção de modo mais cuidadoso a esses resultados que estavam ao nosso alcance².

O que é sintoma, em psicanálise?

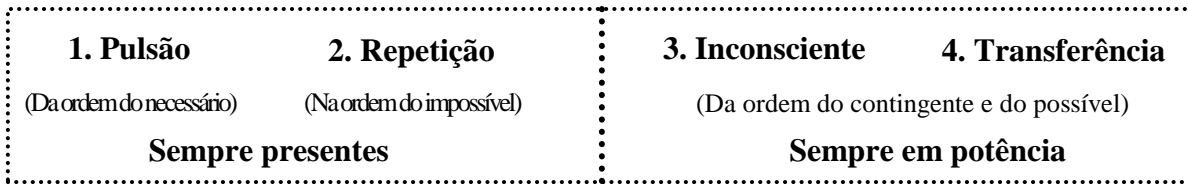
É uma manifestação de sofrimento, passível de ser decifrado. Vem em forma de **questão, dirigida ao analista** – tem um sentido, que está sempre relacionado à história – às experiências de vida do sujeito. Responde a uma demanda, diz algo. Tem uma significação. É uma mensagem a ser lida. Sustenta-se em uma estrutura que é a mesma da linguagem, razão pela qual é possível trabalhá-lo pela linguagem. Conjuga os registros do Simbólico e do Real – S (S◊R), e passa pelo fantasma (fantasia), que é do imaginário. É formado de acordo com o contexto cultural de sua época: medo de cavalo → medo de metrô.

<u>PSICANÁLISE</u>		<u>PSICOTERAPIA</u>
<p><u>Pura</u></p> <p>Orientada pelo real, pela destit. Subjetiva → passe</p> <p>Embora ocorram efeitos terapêuticos, não visa à terapêutica.</p> <p>Orienta-se para a desidentificação: a redução do gozo identificatório.</p> <div style="border: 1px solid magenta; padding: 5px; margin-top: 10px; text-align: center;"> <p>Responsabiliza o sujeito pelo seu sofrer.</p> </div>	<p><u>Aplicada</u></p> <p>Prevalece a preocupação terapêutica* → cura</p> <div style="border-left: 1px solid magenta; border-right: 1px solid magenta; padding: 5px; margin-top: 10px;"> <p>Que preocupação é essa? Que o sujeito melhora? Melhora de quê?</p> </div> <div style="border-left: 1px solid magenta; border-right: 1px solid magenta; padding: 5px; margin-top: 10px;"> <p>A referência é o sintoma, bússola do analista, expresso na fala do paciente.</p> </div> <div style="border: 1px solid magenta; padding: 5px; margin-top: 10px; text-align: center;"> <p>Alivia o sofrimento envolvido no sintoma.</p> </div>	<p>É orientada pelo sentido, privilegia a subjetivação.</p> <p>Conduz o sujeito a uma identidade: <u>você é isso.</u></p> <p style="text-align: center;">↓ Sugestão</p> <p>Mergulha o sujeito em um <u>turbilhão dos gozos identificatórios**</u></p> <div style="border: 1px solid blue; padding: 5px; margin-top: 10px; text-align: center;"> <p>Cobre a divisão, a falta, a castração.</p> </div>
<p>* J-A Miller, in <i>Jornadas da Escola da Causa Freudiana</i> de 2001.</p> <p>** Naveau, P. A psicanálise aplicada ao sintoma, in <i>Pertinências da Psicanálise Aplicada</i>. Ed. Forence Universitária. RJ. 2007. P 12.</p>		

¹ Freud, S. *Análise terminável e interminável*. Obras Completas. Edição Standard, Ed. Imago. RJ. 1969. Vol XXIII, p. 247.

² Guéguen, P-G. Efectos terapêuticos rápidos – conversaciones clínicas con J-A Miller en Barcelona. Ed. Paidós. B. Aires. 2005. pp. 15-16.

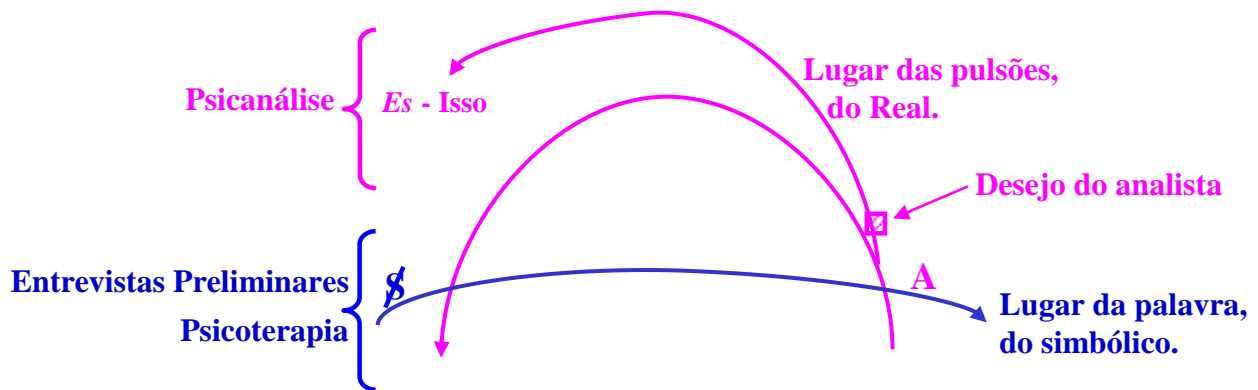
No encontro entre um paciente e um analista, quatro elementos entram em jogo (Guéguen):



O *Grafo do Desejo*, elaborado por Lacan, permite sintetizar esse encontro. O primeiro andar do Grafo ilustra o lugar da trama discursiva, predominantemente simbólica, plano no qual a psicanálise estaria mais próxima da psicoterapia.

A *Psicanálise Aplicada à Terapêutica* tem sua escuta focada no sintoma, busca investigar as razões implícitas na demanda e proceder à nomeação dessa demanda, de modo que o sujeito possa subjetivá-la por meio da reorganização do sintoma, antes tido como resposta, agora é tomado como questão. Esse efeito de subjetivação vem fechar o 1º ciclo proposto pela *Psicanálise Aplicada à Terapêutica*.

Grafo do Desejo



Quanto à Psicanálise Pura, sua proposta de trabalho é orientada pelo real e somente pode se iniciar a partir da implicação do sujeito em seu sintoma, e do desejo do analista – de aceitá-lo em análise. Aqui, são privilegiadas as instâncias indicadas no segundo andar do Grafo, instâncias necessárias, porém não exclusivas, posto que a função simbólico é sempre indispensável no percurso analítico, quer seja no manejo da transferência, ou na construção do caso clínico, ou na condução do tratamento, do início ao seu término, e ainda na produção teórica e na transmissão da psicanálise.

Operadores do tratamento³:

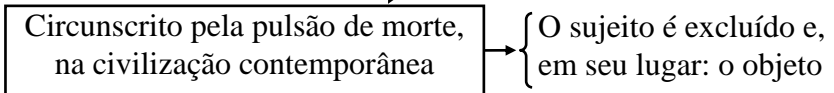
- 1. Sujeito dividido** – \$ que resulta da linguagem, na medida em que fala, e é falado, representado por significantes, isto é: não colocados em categorias: toxicômano, SDF, Surdo, deprimido, anoréxica...
- 2. Suposição** – um grande Outro que tem a solução para o seu mal-estar, e que assim se sustenta – na condição de semblante.
- 3. Saber** – da ordem do textual, feito de letras e fórmulas lógicas que permitem ao sujeito o acesso ao seu enigma.

³ Brousse, M.H. Três pontos de ancoragem, in *Pertinências da Psicanálise Aplicada*. Ed. Forence Universitária. RJ. 2007. pp. 24-25.

Lacan (*Direção da cura...*) concebe o tratamento psicanalítico sob **três perspectivas**:

1. **Tática**: *Interpretação*; 2. **Estratégica**: *Direção e transferência*; 3. **Política**: *Finalidade*.

Política na Psicanálise Aplicada à Terapêutica: aliviar o sofrimento



O que mudou entre os “**velhos**” sintomas e os “**novos**” sintomas?

O Outro, o Pai, a Lei, um Ideal,
estrutura, recalque, desejo.

Inexistência do Outro, da estrutura, o
declínio do pai, em lugar do Ideal, múltiplos.

O Tratamento Breve

- Pauta-se na Política do Sintoma, *que habita o sujeito pós-humano*⁴.
- É um tratamento rápido, não vai além do sintoma, mas implica em uma cura analítica.
- Diferentemente da *cura antiga* (Cottet), voltada à mudança subjetiva, a terapêutica atual busca o alívio do desprazer.
- Não supõe um *enquadre*, ou um *setting*, não impõe a *regra fundamental*, nem a associação livre, nem exige a novela familiar. Propõe apenas o encontro entre um analista e um sujeito.
- Se o sujeito desejar uma análise posterior, evidentemente, ele tem essa liberdade.

Os Efeitos Terapêuticos Rápidos.

- Decorrem da redução do gozo engendrado no sintoma.
- Não são obtidos por convencimento ou por sugestão.
- São produzidos pela escuta e pela intervenção no foco pulsional, pela circunscrição do ponto de gozo.
- Obtenção de uma retificação do estado de satisfação da pulsão⁵. Sair da posição de objeto anônimo para uma nomeação: o batalhador, a engraçadinha...
- Mudança na relação com o sintoma: o sujeito deverá dar-lhe forma para que possa lidar com ele.
- Redução do sofrimento pela construção de um saber sobre o sintoma: um saber fazer (*savoir y faire*) com isso – uma criação singular, própria do sujeito, não do supereu.

A Histeria Pós-Moderna

A histeria é um dos estilos utilizados para evitar a angústia de castração. Para cobrir a falta-a-ser, o sujeito feminino identifica-se ao falo, objeto destinado a cobrir a falta no Outro, para ser assim desejada. *Função da mascarada* (Lacan, *A significação fálica*).

⁴ Miller. *Conversaciones clínicas con J-A Miller en Barcelona*.

⁵ Elisa Alvarenga. I Jornada do CPCT de Minas Gerais. Dezembro de 2007.

No mundo contemporâneo, época da inexistência do Outro, das múltiplas identificações, como se apresenta a mascarada? Sempre como A Mulher (com A maiúsculo)⁶

- *A profissional realizada* – qualquer que seja a área: científica, artística ou técnica.
- *A politizada, culta, intelectual* – defende os excluídos, as mulheres...
- *A administradora do lar* – não mais a ‘dona de casa’, mas a provedora.
- *A mãe psicopedagogizada* – especialista nos saberes “psis” sobre o infantil.
- *A malhadora diet* – bonita em qualquer idade, e saudável contabilista de calorias.
- *A amante liberada* – especializada em receitas de orgasmo clitoriano no ato sexual.

Mas... E a amante apaixonada, onde está? Aquela que sonhava e morria de amores pelo seu parceiro? Foi excomungada.⁷

A mascarada pós-moderna, liberada e realizada, não obtém o êxito almejado junto ao masculino – ela não é o falo, é uma coleção de falos.

Neste panorama, como fica o homem pós-moderno?

Apavorado, petrificado (Lêda), diante dessas mulheres, ou foge com medo de desejá-las. *Daí o horror, a fuga, ou mesmo o tão famoso desaparecimento do homem no dia seguinte ao primeiro encontro¹.* E ela, desapontada: *cadê os homens? Não se acham homens¹.*

Parceria Amorosa Pós-moderna

O homem contemporâneo, produto da *mascarada* atual, não desiste do seu desejo de ser amado. Mas, em lugar de pedir diretamente: *senhoras, amem-nos* (Miller), faz isso pela via do semblante histórico:

veste uma nova roupagem do homem pós-moderno (...) homem ‘metro-sexual’, que tenta se feminilizar com os adereços estéticos propostos pelas históricas contemporâneas, que fazem desse homem o seu brinquedo. E, se deixando assim se fazer de feminilizado, sustenta um apelo ao romantismo. Súplica muda desse homem tão fragilmente dependente do amor de uma mulher⁸.

Tônica dessa nova parceria:

Discussão eternizada da relação, ou do abismo da relação (Laurent) – requerida sempre pelas mulheres, e que causam calafrios nos homens, pois é hora dele reconhecer as suas falhas, desculpar-se por elas e prometer que não acontecerá novamente.

Uma Outra Clínica

Trata-se da psicanálise aplicada à terapêutica (...) é uma renovação clínica, com regras diferentes de funcionamento, é uma outra clínica, mas conservando os princípios e a oferta da escuta para circunscrever algo do sintoma. O ponto mais central e decisivo é que o atendimento deve restringir-se a um ponto sintomático, aquele em que aquela pessoa e se enrosca com o real, e que pode ser re-arranjado – não é qualquer ponto, por isso há que haver ali um analista, cuja escuta seja consoante aos sintomas atuais e ao tratamento que a eles podemos dispensar, sintomas estes que desprezam o simbólico⁹.

⁶ Lêda Guimarães. Opção Lacaniana nº 44. p. 69.

⁷ Lêda Guimarães. Opção Lacaniana nº 44. p. 70.

⁸ Lêda Guimarães. Opção Lacaniana nº 44. p. 70.

⁹ Carmen Sílvia Cervelatti. *A psicanálise nos tempos da precariedade simbólica*. Correio nº 57. p. 111.

Efeitos Terapêuticos Rápidos em um caso atendido na Rede Assistencial de Madri¹⁰

O caso Minna

Minna, imigrante romena de 38 anos, escapou dos atentados terroristas de 11 de março, em Madri, por ter resolvido tomar um café com suas amigas na Estação Atocha – por isso não se encontrava nos trens bombardeados.

Aterrorizada pelo barulho das explosões, ela corre em fuga por entre os mortos e feridos quando se depara com a *mirada* (olhar) de um homem caído no chão com o rosto ensangüentado, *como um Cristo yaciente*. Essa *mirada* passa a atormentá-la todas as noites em seus pesadelos. Vive angustiada e em intensa agitação.

Sente-se culpada por ter fugido sem prestar ajuda às pessoas, o que a faz sentir-se aquém do ideal transmitido por seu pai – homem amoroso e crente fervoroso da Igreja Adventista do 7º Dia. O olhar do *Cristo yaciente* marca sua falta, falta que a persegue nos pesadelos.

O trauma a coloca frente ao real, do não-ser, frente à angústia muda – sem sentido. O apelo ao sentido na dimensão religiosa fica sem resposta, não faz suplência.

O sujeito desloca a sua culpa para o outro – os marroquinos, os terroristas – a quem passa a odiar, sentimento que “desconhecia” até então.

Esse trauma a leva a defrontar-se com o seu ódio – essa lógica orientou o tratamento pelas vinte sessões que durou. O ódio era um sentimento estranho a ela, sentimento que ela não podia sentir, pois aprendeu com seu pai que, ao ser agredida, devia reagir como fez Cristo: oferecer a outra face.

Efeitos terapêuticos

Uma seqüência de sonhos dão a ver os efeitos terapêuticos desse caso.

1. O sonho de ‘um outro olhar’: segue com amigas por um caminho macabro, sem luz, estranho, e encontram uma estação de trem abandonada. De-repente cai o braço de uma máquina entre ela e as amigas, separando-as. Para reencontrar as amigas teve que dar uma grande volta passando por muita gente que a olhava quieta. Uma mulher entre essas pessoas a convida a ficar com elas.

2. Os sonhos de pesadelos desaparecem.

3. O sonho de uma saída. Está nas *alcantarillas de Bucarest*¹¹. Tem que sair dali, e uma cigana lhe segue atrás até que ela encontra uma luz no fim de um túnel. Quando está do lado de fora, não vê mais a cigana. Ela encontra uma saída, e ainda pode, via este sonho, desmentir as palavras de sua mãe que dizia que as ciganas dão má sorte.

4. Uma raiva que aflora. Em uma conversa com o filho, este lhe diz que os avós (maternos) não lhe deram uma ajuda que pediu porque era sábado – dia em que a religião não permite fazer nada, dia destinado ao descanso. Ela fica furiosa com eles por priorizarem a religião em detrimento do seu filho. Extravasa isso com muita raiva.

¹⁰ Araceli Fuentes. *Efectos terapêuticos rápidos. Conversaciones Clínicas con Jacques-Alain Miller en Barcelona*. pp.. 19 a 24.

¹¹ Um lugarejo na Romênia: um labirinto sujo e tético, onde moram pessoas muito pobres, crianças que se drogam...

5. Sonhos resolutórios. Aos anteriores seguem-se outros sonhos resolutórios, terminando com o sétimo e último sonho: neste sonho ela acordava e via aos pés da cama um homem sem cara, e a sensação que a tomava era de tranqüilidade.

Conclusão

Após quatro meses de tratamento, Minna passa do sonho superegóico, do *Cristo yaciente*, angustiante, para o sonho de tranqüilidade, experimentada diante de um homem sem cara.

Sua angústia cessou e Minna retoma sua vida junto do marido e do filho, que estavam, até então, cada um em um lugar diferente.

Efeitos e Transmissão

O enfadonho, o enfadonho é que, de todos os modos, sabemos que isso tem bons efeitos – eu falo da análise. Que esses bons efeitos não durem mais que algum tempo não impede que haja uma trégua e, é o caso de dizer: é melhor do que não fazer nada¹².

O encontro com um analista produz efeitos. Estes efeitos – me parece que isso é o importante – podem ser transmitidos. Podem ser medidos de alguma maneira para poder ser transmitido não só à nossa comunidade se não fora dela¹³.

¹² Lacan, Seminário nº 22 R.S.I. Inédito. Aula de 8 de abril de 1975.

¹³ Elvira Guilañá. *Conversaciones Clínicas con Jacques-Alain Miller en Barcelona*. Apertura. p. 64.